

Infâncias e leituras

Presenças negras
e indígenas na
literatura infantil

Organizadora Márcia Licá

Ananda Luz

Carina Pataxó

Juliana Piauí

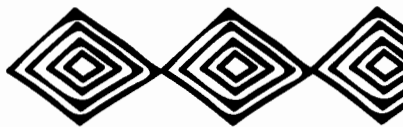
Magno Rodrigues Faria

Sonia Rosa

Tiago Hakiy


pulo do gato

Sumário



- 06** *Ver, dizer e escrever as infâncias*
por Bel Santos Mayer
- 14** Casa de palavra preta: o protagonismo negro na
Literatura Infantil, Sonia Rosa
- 36** Literatura Negra para as infâncias no Brasil,
Juliana Piauí
- 84** Literatura Indígena e a Educação,
Carina Oliveira Pataxó
- 114** A presença negra nos livros para as infâncias,
Ananda Luz
- 146** Quais histórias não devemos deixar de contar?,
Magno Rodrigues Faria
- 188** Manifesto Literatura Indígena: um rio de muitas
histórias, Tiago Hakiy
- 204** *Com os pés, a alma e as flechas*
por Márcia Licá – organizadora [Posfácio]
- 208** SOBRE AS/OS AUTORAS/ES

Ver, dizer e escrever as infâncias

por Bel Santos Mayer¹



¹ Bel Santos Mayer é educadora social, Mestra em Turismo (EACH/USP), coordenadora geral do Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário – IBEAC; cogestora da Rede LiteraSampa, membro do Grupo de Pesquisa em Direitos Humanos, Democracia, Política e Memória do Instituto de Estudos Avançados (IEA-USP).

Nossos passos vêm de longe e de muitas direções, porque as desigualdades raciais e étnicas são multifacetadas, e nenhuma resposta isolada poderá alterar o estado das coisas. Nesta publicação, as autoras e os autores abordam o tema “Presenças negras e indígenas na Literatura Infantil” a partir de suas vivências e pesquisas. Há conceitos, dados, perguntas, respostas, depoimentos, indicações bibliográficas que podem interessar os(as) que ocupam variadas posições na cadeia criativa, produtora, distribuidora e mediadora do livro.

Márcia Licá, com seu corpo-território-afro-indígena, fez uma curadoria cuidadosa e aproximou pessoas que atravessam sua trajetória como ativista, formadora, acadêmica, mediadora de leitura em bibliotecas comunitárias. São autoras(es), contadoras(es) de histórias, professoras(es), curadoras(es) de exposições e eventos – pessoas com larga experiência leitora. Esta multiplicidade se reflete nos

8 artigos deste livro, que vão além das práticas em escolas e podem interessar a quem escreve, ilustra, lê e quer ficar um pouco mais letrado em relações raciais.

Todos os artigos, de alguma forma, tocam as Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, as quais, respectivamente, alteraram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/1996, para incluir a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e da História e Cultura Indígena nas escolas.

É importante destacar que, além de os legisladores terem se “esquecido” de incluir na LDB a contribuição de mais da metade da população do País (negros e indígenas), foi necessária uma década para que esta inclusão ocorresse. Talvez seja desnecessário dizer que ainda estamos longe desta efetivação. Uma pesquisa realizada pelos institutos Geledés e Alana revelou que 71% das secretarias municipais de educação brasileiras realizam poucas ou nenhuma ação para o ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira.

Outro aspecto que se destaca nesta publicação é o fio da história, lembrando que embora as leis de inclusão das histórias e culturas negras e indígenas sejam um marco histórico, muito antes delas os movimentos negros e indígenas atuavam contra o racismo na Educação, inserindo a diversidade literária nas práticas pedagógicas.

Estudos como o da professora Ana Célia da Silva, que desde os anos 1990 analisa imagens estereotipadas de pessoas negras nos livros didáticos e a produção literária de autoria negra para crianças e jovens, como *Histórias da Preta* (1988), de Heloísa Pires Lima, e *O menino Nito* (1995), de Sonia Rosa – uma das autoras desta publicação –, são responsáveis por colocar mais melanina nas salas de aula e nas estantes das livrarias. Daniel Munduruku, em 1996, publicava o seu primeiro livro literário, *Histórias de índio*, e inaugurava um caminho de apresentação da diversidade cultural indígena para o público infantil e juvenil e de consolidação da “Literatura Indígena”.

Em 2002, ao lado da psicóloga e ativista Cida Bento, eu coordenava a primeira edição do então Prêmio Educar para a Igualdade Racial, atual Prêmio Educar com Equidade Racial e de Gênero na Educação Básica, que nasceu com o objetivo de “mapear e identificar experiências exitosas de gestão e de práticas pedagógicas antirracistas realizadas em ambiente escolar”. São mais de 3 mil práticas coletadas em 9 edições.

A análise e seleção de livros é tema presente nos vários artigos desta publicação. Há tempos sabemos que não se trata de simplesmente pintar as personagens de marrom ou preto, colocar umas vestes coloridas e jogar meia dúzia de palavras-clichês relacionadas à memória,